

O LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA: INVISIBILIDADE DAS MULHERES NOS FATOS HISTÓRICOS

Cristiane da Silva Lima Martinsⁱ
Carlos Augusto Lima Ferreiraⁱⁱ

RESUMO

O presente texto tem como objetivo analisar a imagem construída da mulher nos manuais didáticos de História, com intuito de avaliar as abordagens sobre a participação da mulher na história e o lugar social que essas mulheres ocupam nos conteúdos dos manuais didáticos. Nessa perspectiva o presente trabalho tem como foco norteador o livro didático, pois esse recurso tem implicação direta para a educação. Na maioria das escolas é esse material didático que dar suporte para construir as condições materiais no processo de ensino e aprendizagem nas salas de aula. Levando em consideração a importância desse material percebe-se a necessidade de compreender, entre outras questões, o movimento dos agentes e forças sociais, culturais e ideológicos inerente a esses recursos.

Palavras Chave: Ensino de História; Livro Didático e Representação Feminina.

This paper aims to analyze the constructed image of women in textbooks of history, to assess the approaches to the participation of women in history and the social place these women occupy in the textbooks content. In this perspective, the present study is to focus on guiding the textbook because this feature has direct implications for education. In most schools is that teaching materials that support to build the material conditions in the process of teaching and learning in classrooms. Considering the importance of this material realizes the need to understand, among other issues, the movement of agents and social, cultural and ideological forces inherent to these resources.

Keywords: History of Education, Book Text, Women's Representation.

INTRODUÇÃO

O livro didático faz parte da cultura material da maioria das escolas públicas brasileiras é um documento que deve ser analisado levando em conta o alto grau de

complexidade. Nos últimos anos boa parte das produções no campo acadêmico inseriu no centro das investigações, o livro didático de História como recurso ideológico, cultural e político. Esse recurso pedagógico conquistou lugar de status como documento histórico utilizado na área de ensino de História.

O presente trabalho apresenta algumas reflexões realizadas dentro da pesquisa feita durante a graduação em História na Universidade Estadual de Feira de Santana.ⁱⁱⁱ O principal objetivo da pesquisa era analisar as representações sobre as mulheres, suas histórias e seus papéis sociais veiculadas nas imagens e discursos nos manuais didáticos de História. Observar nas narrativas didáticas a inserção ou não da história das mulheres e sua respectiva participação nos fatos históricos, marcando pontualmente, os momentos em que as menções são realizadas.

Esse texto constrói-se a partir da análise de três livros didáticos^{iv} do oitavo ano que foram utilizados entre os anos 2002 á 2007 em uma escola pública no município de Biritinga.^v Um conceito de fundamental importância utilizado para analisar os livros didáticos é o de “representação” de Chartier^{vi}, tendo em vista que esse conceito está voltado para identificar as representações presente em objetos culturais, neste caso, o livro didático, e este, conforme Choppin^{vii} é visto como um “suporte privilegiado dos conteúdos educativos, depósito de conhecimentos que um determinado grupo social deseja que seja transmitido para uma nova geração”.

As contribuições do campo dos Estudos Culturais que expandiram suas fronteiras inserindo novos objetos graças às alianças estabelecidas com a economia, a sociologia, geografia e a demografia, proporcionaram a criação dos estudos interdisciplinares.^{viii} Aliando-se as diversas áreas, foi possível a ampliação do campo dos objetos históricos e, por conseguinte, a ampliação do campo de pesquisas do historiador. Dessa forma, o principal ponto de convergência se dá no terreno da História Cultural. Nesse leque de fontes proporcionado pela História Cultural, o livro didático, alcança o caráter de documento, podendo ser investigado na tentativa de desconstruir discursos, imagens e representações que permeiam o meio social.

Propõe-se, portanto, organizar esse trabalho em dois momentos. No primeiro momento apresentaremos algumas discussões referentes ao livro didático, visto nesse trabalho como importante objeto de pesquisa, bem como teceremos algumas reflexões sobre a função do livro didático no ensino de História. Por fim, no segundo momento, debateremos as imagens e discursos referentes às mulheres presentes nas abordagens didáticas.

Os manuais didáticos que foram organizados, distribuídos e utilizados nas escolas públicas no Brasil dos fins do século XIX e início do século XX visavam auxiliar a formação do “sentimento nacionalista” como analisou Circe Bittencourt. Dessa forma, é visto como material ideológico e cultural assumindo um importante papel político. Para Fonseca, o “livro didático é, de fato, o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que têm acesso à educação escolar”.^{ix}

O LIVRO DIDÁTICO COMO FONTE DE PESQUISA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA

As pesquisas voltadas para o livro didático sempre foram vistas como simplórias no campo acadêmico. Porém, este panorama vem sendo modificando, e, atualmente, as pesquisas que tem como objeto de estudo os livros didáticos dispõem de uma gama de discussões e trabalhos variados. O livro didático passa a ser analisado não mais como um simples aporte para sala de aula, mas sim como uma obra complexa entrelaçada em uma rede de relações que perpassam por múltiplas facetas desde a produção, circulação e consumo.

Alain Choppin no seu artigo *História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte*, faz um balanço das pesquisas sobre a história do livro didático e aponta alguns fatores estruturais para explicar o avanço dessas pesquisas nessa área, que outrora fora tão negligenciada: “A complexidade do objeto livro didático, a multiplicidade de suas funções, a coexistência de outros suportes educativos e a diversidade de agentes que ele envolve”.^x

Segundo Choppin, nos últimos vinte anos as pesquisas que têm o livro didático como objeto de estudo chama atenção para as características ideológicas e culturais presente nos conteúdos dos manuais didáticos, questionam a finalidade do ensino, e, entre outras coisas,

questionam a concepção e o ensino de História. O autor pontua que geralmente os pesquisadores privilegiam a análise textual, no entanto, a partir dos anos 1980, vêm ocorrendo avanços nas análises destinadas as iconografias didáticas.

Conforme Choppin o livro didático exercem quatro funções^{xi} podendo variar a depender do ambiente sociocultural, á época, as disciplinas os níveis de ensino, os métodos e a forma de utilização. O autor define a primeira função, a *referencial*, aquela que o livro didático vincula-se ao currículo, como “o suporte privilegiado dos conteúdos educativos, o depositário dos conhecimentos, técnicas ou habilidades que um grupo social acredita que seja necessário transmitir às novas gerações”.^{xii}

A função instrumental, o livro didático como recurso pedagógico servindo de mediador do conhecimento histórico. A função ideológica e cultural que tem origem no século XIX, a partir da constituição dos estados nacionais e da organização dos sistemas educativos, o livro didático se constitui como poderoso instrumento de constituição de identidade e de difusão “vetores essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes”.^{xiii} Por último a função documental o livro didático é visto como suporte fundamental com seus discursos narrativos e iconográficos, cuja análise pode proporcionar o desenvolvimento crítico do estudante.

Em 1838, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi criado com o propósito de elaborar uma História nacional. O ensino de História e os programas curriculares passam a ser controlado pelo Estado. Segundo Fonseca, através do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pretendia-se ensinar mediante os programas educacionais e textos didáticos, uma História eminentemente política e nacionalista. Com isso, objetivava-se “um ensino de História com finalidades políticas ideológicas enfatizando os fatos heroicos e as biografias dos brasileiros célebres com intuito de criar um sentimento patriótico e nacionalista”.^{xiv}

O livro didático é um importante mecanismo de difusão de uma História dogmática e nacional. Para Bittencourt, a História foi introduzida de forma obrigatória nos currículos das escolas com o objetivo político explícito de contribuir para o desenvolvimento do sentimento nacionalista dos brasileiros. Assim, a produção de História realizada pelos autores

pertencentes ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) era difundida por meio dos materiais didáticos.^{xv}

Fonseca afirma que nas décadas de 1930 e 1945, no governo de Getúlio Vargas, o uso do ensino de História para a formação de uma identidade nacional foi extremamente explorado pelos agentes políticos vinculados ao governo. O governo buscava consolidar através do ensino de História um sentimento patriótico.^{xvi} Para Katia Abud os programas de ensino de História, as listas de conteúdos, as orientações para o trabalho pedagógico elaborado pelas instituições educacionais foram instrumentos fundamentais para a educação que se pretendia dar ao educando buscando fortalecer “o espírito de brasilidade, isto é, a formação da alma e do caráter nacional”.^{xvii}

Segundo Fonseca, com o processo de redemocratização do país, foi necessário promover mudanças no sistema educativo. Isto ocorreu no início dos anos 80, sendo o resultado da elaboração de novos programas e novas propostas pedagógicas. Pretendia-se um ensino de História que proporcionasse análises críticas da sociedade brasileira e também que abarcasse as classes menos favorecidas, rompendo com a História linear, mecanicista, positivista, factual e heroica.^{xviii}

As funções do livro didático elencada por Choppin corroboram com o ensino de História no Brasil e a utilização dos livros didáticos não apenas como recurso pedagógico, mas também, como instrumento ideológico e cultural. O livro didático ao mesmo tempo em que é um importante referencial de interesse político e ideológico se apresenta como mediador do conhecimento histórico desenvolvendo a criticidade do estudante, isso ocorre quando o ambiente pedagógico atrelado ao nível de formação dos professores privilegia a formação da autonomia do sujeito.

O livro didático de história é um importante veículo de transmissão de saberes se configura como promissor objeto de estudo dispendo de uma gama de discussões a serem investigadas, especificamente na área de ensino de História. A esse recurso pedagógico foi atribuído diferentes papéis, veículo de circulação de saberes selecionado a serviço de interesses políticos, ideológicos; ferramenta de formação nacionalista. No segundo momento

desse estudo iremos analisar de que forma tem sido tratada a história das mulheres nos livros didáticos de história.

A HISTÓRIA DAS MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS

As contribuições da História Cultural atrelada à explosão do feminismo, a partir da década de 1960, tiveram papel importantíssimo no processo em que as mulheres são elevadas à condição de sujeito da história. O movimento feminista atua no sentido de promover rupturas teóricas em curso. Vem ao longo de sua existência promovendo críticas ao modo dominante de produção do conhecimento científico, levando em conta que as mulheres trazem uma experiência histórica e cultural. Dessa forma, o movimento traz um “contra discurso” e propõe o estabelecimento de novas relações e novas maneiras de operar a produção do conhecimento. Como diz Margareth Rago “não há dúvidas de que o modo feminista de pensar rompe com os modelos hierárquicos de funcionamento da ciência e com vários os pressupostos da pesquisa científica”.^{xix}

Os debates relacionados a História das Mulheres teve consolidação no Brasil a partir da década de 1980, e nesse mesmo período foi desenvolvido um campo de estudos intitulado História das Mulheres. A partir do momento que as historiadoras das mulheres juntamente com o movimento feminista questionam a inclusão da mulher na história trouxe a tona uma situação de ambiguidades. Quando estes dois grupos mostram o desequilíbrio da História vem afirmar o caráter incompleto da disciplina e também vem mostrar que o domínio que os historiadores tinham do passado era incompleto.^{xx}

As representações das mulheres presentes nos manuais didáticos estão restritas as experiências do lar, ou seja, na esfera do privado, afastando-as dos espaços sociais e políticos contribuindo para a afirmação dos estereótipos de gênero e para a dominação do masculino sobre o feminino. Perrot assinala que “as mulheres são mais imaginadas do que descritas, ou contadas, e fazer a sua história é, antes de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar”.^{xxi}

Sobre as representações Roger Chartier (1990), afirma que são socialmente construídas, e sempre determinadas pelo interesse de um determinado grupo que tenta impor a sua concepção histórica. O autor chama atenção que as estruturas do mundo social não são um dado objetivo. Todas essas estruturas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas, sejam elas políticas, sociais e discursivas que constroem as suas figuras. Sendo assim, partindo do pressuposto que as representações são socialmente construídas, podemos entender como se dá essas construções e como a sociedade impõe valores, crenças e sua concepção de mundo.

Com o objetivo de compreender como a História das Mulheres é abordada nos livros didáticos, vejamos a análise dos seguintes livros didáticos: *História: das cavernas ao terceiro milênio* das autoras Patrícia Braick e Myriam Mota; *História: sociedade & cidadania* do autor Alfredo Boulos e *Projeto Araribá*, todos do oitavo ano do Ensino Fundamental II, produzidos entre os anos (2002-2007). Para análise dos livros didáticos foram selecionados dois períodos da história: “A Revolução Francesa” e “A Independência da Bahia”, esses temas despertam a possibilidade de discutir questões referentes à história das mulheres, haja vista, o papel desempenhado pelas mulheres nos fatos citados.

No primeiro tema, “A Revolução Francesa”, o livro *História: das Cavernas ao terceiro milênio*, trata, no capítulo seis, da participação das mulheres na jornada memorável de Versalhes, marcha das mulheres contestando o preço do pão em Versalhes em 1789. Porém, a marcha das mulheres é abordada através de uma imagem e de um pequeno texto sem maiores reflexões. O segundo tema Independência da Bahia, não consta no livro *História: das Cavernas ao terceiro milênio*.

O segundo livro *História: sociedade & cidadania*, trabalha a Revolução Francesa no capítulo treze, as mulheres só não foram ignoradas ao longo do capítulo porque o autor fala sobre sua participação na Revolução Francesa em uma questão das atividades complementares. Em uma das questões, referente às atividades, nos oferece uma imagem que mostra a participação da mulher na Revolução Francesa, e propõe ao aluno criar uma legenda explicativa. No entanto, o autor não discute a participação da mulher no decorrer do capítulo e

na atividade complementar sugere ao aluno para explicar algo que o livro não ofereceu suporte para a análise.

No que diz respeito ao segundo tema, A Independência da Bahia, é abordada de forma bastante resumida no capítulo dezessete, sob o título: O reinado de D. Pedro I: uma cidadania limitada, o autor faz referência à participação das mulheres de forma superficial e sem problematizações. A única mulher identificada, em todo capítulo, é Maria Quitéria, sua participação é apresentada dentro de um quadro “Leitura de Imagem”, separado do corpo do texto. No entanto, no texto principal em nenhum momento pontua qualquer tipo de participação feminina neste fato histórico.

No terceiro livro analisado *Projeto Araribá*, no capítulo sete fala sobre a Revolução Francesa, em nenhum momento refere-se à participação da mulher nesse processo. Trata apenas dos fatos políticos e econômicos relacionados aos grandes feitos e aos heróis, nessa obra apenas os homens fizeram a Revolução na França, o que contribui para ratificar a ideia, que nas questões da revolução o lugar de protagonista é do homem e não da mulher. A respeito do segundo tema, A Independência da Bahia, no livro Projeto Araribá, figuram duas mulheres conhecidas da época. A primeira Maria Quitéria através de uma imagem, porém essa imagem não é discutida nem problematizada. E no corpo do texto pontua apenas a participação dos homens, e a participação da mulher nesse processo de luta pela independência aparece como uma ilustração. A segunda mulher que aparece nessa conjuntura é a imperatriz D. Leopoldina, seu relato aparece em um boxê à parte.

Ao término dessa breve análise percebe-se que, muito pouco do que já foi produzido sobre a participação das mulheres nos fatos históricos, foi inserido nas abordagens didáticas. O pouco espaço proporcionado à História das Mulheres pelos livros didáticos não configura uma perspectiva de mudança ou de alteração, pois a participação das mulheres na História que é representada através dos textos e imagens nos livros didáticos quando não omitidas são apresentadas em pequenas linhas, na maioria das vezes na leitura complementar e nunca problematizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro didático é uma importante fonte de pesquisa no contexto do ensino de história no Brasil. Suas abordagens didáticas são reveladoras de representações e valores sociais, morais, patrióticos e cívicos predominantes em certos momentos da História do Brasil, e por isso veículos de circulação de valores que se desejou que fossem ensinados. “O livro didático e a educação formal não estão deslocados do contexto político e cultural e das relações de dominação, sendo, muitas vezes, instrumentos utilizados na legitimação de sistemas de poder, além de representativos de culturas específicas”.^{xxii}

Nessa perspectiva o livro didático não deve ser visto como um produto neutro, uma vez que deve ser entendido a partir das influências da perspectiva teórico-metodológica do autor e das políticas educacionais vigentes. Assim, o livro didático deve ser visto como um objeto cultural levando-se em consideração todo processo de produção e recepção deste recurso pedagógico e das relações com os múltiplos interlocutores que os moldam e interferem em sua elaboração.

Pode-se perceber, enfim, que a ênfase nos fatos políticos, nas biografias dos brasileiros celebres, ainda está presente nos manuais didáticos atuais. Os manuais didáticos abordam a história das mulheres de forma bastante simplificada e homogênea que legitimam um poder político. Dessa forma, os fatos históricos são selecionados a partir de critérios políticos e abordados como verdades absolutas. Nessa perspectiva, faz-se necessário repensar a forma como o livro didático aborda a participação dos sujeitos na formação do processo histórico, a fim de que as mulheres não permaneçam ausentes das narrativas didáticas, mas que sejam inseridas como sujeitos históricos.

Notas

ⁱ Mestranda do PGH da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

ⁱⁱ Dr. Em Educação pela Universidade Autônoma de Barcelona UAB, orientador e professor titular do PGH-UEFS.

ⁱⁱⁱ MARTINS, Cristiane da Silva Lima Martins. *Representações femininas no livro didático de História: 1990 – 2007*. Monografia de conclusão de curso, apresentada na Licenciatura em História da UEFS; Feira de Santana; 2011.

- ^{iv} Os livros didáticos utilizados, *História: das cavernas ao terceiro milênio* das autoras Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota, Editora Moderna, 2006; *História: sociedade & cidadania* do autor Alfredo Boulos Júnior, Editora FTD, 2006 e *Projeto Araribá*, organizados pela Editora Moderna, 2007.
- ^v O município de Biringiba está localizado na Mesorregião do Nordeste Baiano e na Microrregião de Serrinha.
- ^{vi} Sobre os conceitos de representação, ver: CHARTIER, Roger. *A história cultural entre praticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa, PT: Difel, 1990.
- ^{vii} CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, set./dez. 2004, p.554.
- ^{viii} REIS, José Carlos. O Programa (Paradigmaw?) dos Annales “Face aos Eventos” da História. In: *A História entre a Filosofia e a Ciência*. Autêntica, 2000.
- ^{ix} FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História*. 11 ed. Campinas/ SP: Papirus editora, 2003, p.49.
- ^x CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, set./dez. 2004, p. 555.
- ^{xi} Sobre mais informações acerca das funções do livro didático ver: CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004
- ^{xii} Idem, p.553.
- ^{xiii} Idem, p.553.
- ^{xiv} FONSECA, Thaís Nívea de Lima e. *História e ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.47.
- ^{xv} BITTENCOURT, Circe. Identidade Nacional e Ensino de História no Brasil. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 3 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2005.
- ^{xvi} Dulcinea Coutinho Barros na dissertação intitulada *Cultura Escolar e Ensino de História em tempos de Ditadura Militar no Instituto de Educação Gastão Guimarães (Feira de Santana 1968-1978)*, defendida no Mestrado em História da Universidade Estadual de Feira de Santana em 2015, faz um levantamento de estudos que abordam o tema da educação e do ensino de história no período da Ditadura Militar no Brasil, desse modo, os títulos “O Golpe na Educação” de Maria Inêz de Souza (1981), de Luiz Antônio Cunha e Moacyr de Góes (1985), seguidos por “Educação no Brasil anos 60: o pacto do silêncio”, de Ivani Fazenda (1988), “Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1971)”, tem como aspecto em comum a influência dos agentes políticos no papel e nas metas da educação, intervindo na legislação, no sistema e na organização do ensino, bem como, no processo de formação dos docentes, nos currículos e nos programas educacionais.
- ^{xvii} ABUD, Katia Maria. Formação da Alma e do Caráter Nacional: Ensino de História na Era Vargas. *Rev. bras. Hist.* vol. 18 n. 36. São Paulo, 1998, p.03.
- ^{xviii} FONSECA, Thaís Nívea de Lima e. *História e ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ^{xix} RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs.). *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998
- ^{xx} Sobre os debates acerca da História das Mulheres ver: SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A Emergência da Pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. Vol. 27, nº 54. São Paulo, 2007.
- ^{xxi} PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, (4) 1995, p.11.
- ^{xxii} FONSECA, Thais Nívia de Lima e. O livro didático de História: lugar de memória e formador de identidades. In: Simpósio Nacional de História, 20, 1999, Florianópolis. História: Fronteiras. *Anais*. Simpósio da Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas – FFLCH-USP/ANPUH, 1999.

ABUD, Katia Maria. Formação da Alma e do Caráter Nacional: Ensino de História na Era Vargas. *Rev. bras. Hist.* vol. 18 n. 36. São Paulo, 1998.

BARROS, Dulcinea Cerqueira Coutinho. *Cultura Escolar e Ensino de História em tempos de Ditadura Militar no Instituto Gastão Guimarães (Feira de Santana 1968-1978)*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Feira de Santana, 2015.

BITTENCOURT, Circe. Identidade Nacional e Ensino de História no Brasil. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 3 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

BITTENCOURT, C.M.F. *Livro didático e conhecimento histórico: Uma história do saber escolar*. Tese de doutoramento, FFLCH, Universidade de São Paulo, 1993.

BRAICK, Patrícia Ramos e MYRIAM Becho Mota. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História: sociedade & cidadania*. 1. Ed. São Paulo: FTD, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre praticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa, PT: Difel, 1990.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História*. 11 ed. Campinas/ SP: Papyrus editora, 2003.

FONSECA, Thaís Nívea de Lima e. *História e ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. O livro didático de História: lugar de memória e formador de identidades. In: Simpósio Nacional de História, 20, 1999, Florianópolis. História: Fronteiras. *Anais*. Simpósio da Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas – FFLCH-USP/ANPUH, 1999.

MARTINS, Cristiane da Silva Lima Martins. *Representações femininas no livro didático de História: 1990 – 2007*. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.

PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, (4) 1995: pp. 9-28.

Projeto Araribá: História. Org. Editora Moderna. 2ª. Ed. São Paulo, 2007.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs.). *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

REIS, José Carlos. O Programa (Paradigmaw?) dos Annales “Face aos Eventos” da História. In: *A História entre a Filosofia e a Ciência*. Autêntica, 2000.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A Emergência da Pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. Vol. 27, nº 54. São Paulo, 2007.